

**PARA AUMENTAR A TEMPERATURA DA LÍNGUA:  
SOBRE *QUESTÕES DE ESTILÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA*,  
DE MIKHAIL BAKHTIN**

*Luiz Guilherme Barbosa\**

**RESUMO:** O leitor brasileiro acaba de tomar contato com o professor Bakhtin: algumas folhas manuscritas, em duas versões guardadas cada uma em um caderno, um deles intitulado “Questões de estilística nas aulas de língua russa no ensino médio”, são os originais de um pequeno ensaio de Mikhail Bakhtin, inédito em português, publicado no final de 2013 no volume *Questões de estilística nas aulas de língua*. Esta resenha visa apresentar criticamente a publicação, refletindo sobre o lugar que o autor ocupa no campo da linguística, o sentido de sua crítica ao Formalismo, e tudo isso relacionado à escolha da estilística como estratégia pedagógica no ensino da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo; Estilística; Formalismo russo; Literariedade; Mikhail Bakhtin.

O desencontro entre a aula e as notas dos alunos se dará de outra maneira quanto às lições de Mikhail Bakhtin, cuja obra só começou a ser mais conhecida fora da Rússia quase quatro décadas depois de sua estreia na década de 1920. A princípio, chamou a atenção dos leitores europeus na década de 1970 que da própria Rússia viesse uma crítica tão consistente à geração de intelectuais engajada no Formalismo. Era como se os limites do projeto estruturalista, que se consolidou a partir do fim da segunda guerra mundial em diversos campos das ciências humanas, já tivessem sido apontados pelo Círculo de Bakhtin em sua crítica ao Formalismo Russo com base numa discussão de âmbito filosófico, apesar da ênfase na teoria literária. Contra o Formalismo, o recado da obra consistiu em defender, conforme a síntese de Tzvetan Todorov, que “o inter-humano é constitutivo do humano” (TODOROV, 2011, p. XXVI). Aí, portanto, o fundamento da perspectiva “dia-

---

\* Doutorando em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Pedro II.

lógica”, que aplicada ao discurso – independentemente do seu caráter literário – repropõe o estudo da língua com base na relação que as formas linguísticas estabelecem com o texto e com os interlocutores. Reescrevendo Todorov, postularíamos que, para Bakhtin, o interlinguístico é constitutivo do linguístico.

O efeito da maior divulgação da obra de Bakhtin, sobretudo a partir das traduções francesas que começaram a circular na segunda metade da década de 1970, foi o de fundamentar anacronicamente as linguísticas do texto, as quais, no desejo de modificar o objeto estrutural e frásico da linguística moderna, procuraram meios de reinventar os estudos linguísticos fora do paradigma sistêmico do estruturalismo, inclusive da teoria gerativa. A obra de Bakhtin situa-se, nesse contexto, como um ponto de fuga para o qual convergem inúmeras vertentes muito distintas entre si dos estudos textuais, a ponto de Luiz Antônio Marcuschi indicar, não sem alguma ironia, que hoje “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” (MARCUSCHI, 2008, p. 152).

É com o professor Bakhtin que o leitor brasileiro acaba de tomar contato: algumas folhas manuscritas, em duas versões guardadas cada uma em um caderno, um deles intitulado “Questões de estilística nas aulas de língua russa no ensino médio”, são os originais de um pequeno ensaio publicado pela primeira vez em 1994, na revista *Filologia Russa*, e provavelmente elaborado em 1945, quando Bakhtin era professor em duas escolas de ensino médio no interior da Rússia. Nessa tradução publicada em 2013 de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, responsáveis pela tradução publicada em 2012 de *O método formal nos estudos literários*, o ensaio, intitulado *Questões de estilística no ensino da língua*, ocupa exatas 20 das pouco mais de 100 páginas de uma edição que ainda contém apresentação, dois posfácios, orelha, nota das tradutoras e notas da edição russa.

O primeiro movimento do ensaio de Bakhtin é marcar a sua posição quanto ao ensino da gramática da língua, lançando mão de uma tese que, embora afinada com a perspectiva de sua obra, não deve ser lida sem alguma estranheza: “As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico”. O

recurso, portanto, à estilística envolve um olhar específico aos usos da língua, que ao mesmo tempo inscreve o sujeito no discurso – as suas marcas de estilo – e o discurso na série textual da qual o texto participa – os estilos marcados. Não se dissociam, numa concepção estilística do texto ou da frase, o caráter da expressão individual e a construção histórica e social dos estilos, de modo que ambas as forças – indivíduo e sociedade – amalgamam-se no texto, traço este que deve ter interessado especialmente Bakhtin.

Parece representar, por outro lado, um gesto de resistência a escolha da estilística como campo de atuação crítica de Bakhtin, pois foi precisamente contra uma concepção do texto e da língua apoiada no indivíduo ou na sociedade que se levantou o Formalismo. A defesa da autonomia do texto poético e de seus materiais linguísticos em relação à linguagem cotidiana é, no Formalismo, consequência da tese segundo a qual o indivíduo e a sociedade modernos – e a linguagem cotidiana que produzem – foram automatizados, como que anestesiados, de modo que apenas uma outra sensibilidade, produzida por outro indivíduo e por outra linguagem, a poética, tem força suficiente para desarmar a máquina em que se perdeu o homem moderno. Assim é que, de acordo com Vítor Chklóvski, se devemos tratar a língua poética “dentro de seu próprio campo, e não por analogia com a língua prosaica” (CHKLÓVSKI, 1976, p. 43), se os poetas russos no início do século XX procuraram criar “uma língua especificamente poética” (CHKLÓVSKI, 1976, p. 55), foi porque “a vida desapareceu” (CHKLÓVSKI, 1976, p. 44): “E eis que, para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte” (CHKLÓVSKI, 1976, p. 45). É contra o estilo que se voltam esses valores estéticos, pois, ainda de acordo com Chklóvski (1976, p. 43), as ideias que definem o estilo como síntese do pensamento “foram estendidas à língua poética, devido ao não reconhecimento da diferença que opõe as leis da língua cotidiana às da língua poética”. O que está em jogo, portanto, na querela russa do estilo é o estabelecimento da continuidade ou da interrupção entre a linguagem cotidiana e a linguagem literária. No caso de Bakhtin, a sua opção, a da continuidade, parece significar a preservação da estilística como princípio dialógico da relação entre a língua e o sujeito.

É este, aliás, o argumento mobilizado para, no primeiro movimento do ensaio, justificar a insuficiência do ensino da gramática que desconsidera o valor estilístico das construções. Ao tomar como exemplo um exercício hoje bastante valorizado em escolas brasileiras, o da transformação sintática de orações complexas desenvolvidas em orações reduzidas, Bakhtin evoca um saber de outra natureza: aquele que é produzido pelos alunos por meio de seus questionamentos à escola. Assim, diante de exercícios de transformação sintática, “involuntariamente o aluno se pergunta: para que preciso saber fazer tal transformação, se não entendo seu objetivo?” (BAKHTIN, 2013, p. 25). O que é de fato decisivo para o autor é que o saber gramatical esteja à serviço do discurso dos alunos, ou seja, que o estudante se aproprie do saber gramatical como um instrumento para a produção textual. Não interessa, ao professor de língua, ensinar os alunos a “analisar frases prontas em um texto alheio” (BAKHTIN, 2013, p. 28), pois o que está em jogo é o enriquecimento da linguagem escrita e oral dos alunos com novas construções sintáticas. E, para Bakhtin, a lida com o valor estilístico das construções gramaticais é condição para a apropriação do saber gramatical como instrumento para a construção do próprio discurso. É preciso que o saber escolar produza uma espécie de gramática ativa.

Para demonstrar a tese do ensaio, o professor Bakhtin apresenta ao leitor uma de suas aulas para o ensino médio, descrevendo em detalhes os procedimentos pedagógicos que utilizava para ensinar a estrutura sintática do período composto por subordinação sem conjunção. A sua aula consistia na análise expositiva de três frases, todas elas excertos de obras literárias do século XIX que pertencem ao cânone da literatura russa: duas frases de Púchkin, a terceira de Gogol.

O primeiro procedimento do professor deve ser a leitura da frase, cuidando para que a entonação adotada esteja atenta à expressividade máxima da construção. É por meio da entonação imanente à frase que os alunos podem percebê-la esteticamente, e é pois o efeito artístico da frase lida sobre o leitor que fundamenta em seguida a análise estilística da estrutura sintática. Assim é que o professor reescreve a frase, transformando-a num período composto por subordinação com conjunção, e testa mais de uma conjunção

cujos valores semânticos sejam equivalentes à relação semântica entre as orações. Após perguntar aos alunos acerca da diferença entre a construção sem conjunção e as construções com conjunção, constata-se facilmente, de acordo com Bakhtin, que a transformação do período para inserir a conjunção retira ou reduz a “expressividade emocional” (BAKHTIN, 2013, p. 31) da frase. Isso aconteceria, segundo a explicação do professor, por pelo menos duas razões: “o *volume excessivo* e a sonoridade desagradável dessas conjunções” (BAKHTIN, 2013, p. 31), e pelo caráter semântico das conjunções. A explicação de Bakhtin nesse passo é muito bem tramada e central para a compreensão do ensaio como um todo:

Adiante passamos às particularidades da *semântica* das conjunções subordinativas, explicando aos alunos que tais palavras auxiliares, como as conjunções subordinativas que expressam relações *puramente lógicas* entre os períodos, são totalmente privadas dos elementos visual ou imagético: não se pode visualizar o seu significado como uma imagem; por isso, elas nunca terão um significado metafórico no nosso discurso, nem serão usadas de maneira irônica, e tampouco a entonação emocional poderá basear-se nelas (ou elas simplesmente não podem ser pronunciadas com emoção); portanto, são totalmente privadas daquela vida rica e diversificada que as palavras com significado referencial ou imagético têm no nosso discurso. É claro que essas conjunções puramente lógicas são indispensáveis no nosso discurso, mas são palavras frias e sem alma. (BAKHTIN, 2013, p. 32)

A metáfora do quente e do frio permeia o ensaio, e faz-nos pensar a respeito da noção de temperatura linguística. A considerar, portanto, a análise de Bakhtin, a sonoridade desagradável ou o volume excessivo atribuídos às conjunções decorrem da frieza inerente a essa classe de palavras. O discurso literário eleito pelo autor, ao privilegiar a expressão verbal marcada pela síntese e pela concisão, acabaria por aumentar a temperatura da língua ao produzir textos de grande expressividade estilística. Assim, quanto mais sintético e conciso for o discurso, maior será a sua tendência para aumentar a temperatura linguística e, então, provocar um efeito estético sobre o leitor. Ao procurar exemplificar esse processo de composição estilística, Bakhtin menciona em outro passo do ensaio que “as épocas

complexas hipotáticas frias e retóricas do século XVIII dificultavam a aproximação entre a linguagem literária elevada e a linguagem viva e coloquial” (BAKHTIN, 2013, p. 38), mostrando assim que a comunicação metafórica, por meio de imagens, privilegiada por exemplo pela estética romântica burguesa do século XIX, estabelece uma continuidade entre linguagem coloquial e linguagem literária, e aumenta, em consequência, o efeito estético do discurso.

Não é à toa que os autores selecionados por Bakhtin para a análise sintática e estilística – Púchkin e Gogol – compõem o cânone do século XIX e que, ao mencionar algum autor do século XX, privilegiem-se “poetas arcaizantes como Viatcheslav Ivánov” (BAKHTIN, 2013, p. 32). A desconsideração da grande poesia russa produzida nas três primeiras décadas do século XX por Maiakóvski, Khlébnikov, Krutchôník, Anna Akhmátova, Marina Tzvetáeva, entre outros, em detrimento de uma literatura canônica exemplar para o ensino da língua, é representativa de uma estratégia de argumentação que deseja restituir o traço humanista ao ensino da gramática, sob o risco de este degenerar em “escolasticismo” – seja por inércia da tradição, seja por pressa de inovação. Segundo Tzvetan Todorov, que foi um dos principais responsáveis pela recepção da obra de Bakhtin no meio intelectual europeu, o que se censura na geração que procurou inovar os estudos de língua e literatura não é o formalismo que a define, mas sim o seu materialismo, ou seja, a crença de que a literariedade de uma obra reside nas especificidades da forma, em vez de na relação de interação dos elementos da forma entre si, e na interação da forma com os autores e leitores. É esse entrelugar do discurso, para roubar a expressão de Silvano Santiago e deformá-la, que constitui, para Bakhtin, a forma mesma.

Se houve, no entanto, pressa por parte da “geração que esbanjou seus poetas”, a do Formalismo Russo, foi porque, segundo o testemunho geracional de Roman Jakobson:

A vida cotidiana ficou para trás. Como na magnífica hipérbole do jovem Maiakóvski, “a outra perna ainda vem correndo na rua vizinha”. Sabemos que as ideias dos nossos pais já estavam em desacordo com a vida cotidiana deles. Lemos as linhas severas sobre como nossos pais suportaram a velha, abafada e dura vida cotidiana. Mas nossos

pais ainda mantinham restos de crença no caráter confortável e obrigatório dessa vida material. Para seus filhos, restará um ódio declarado aos trastes ainda mais gastos, ainda mais estranhos. E eis que “as tentativas de construir uma vida pessoal fazem pensar nas experiências de aquecer o sorvete”. (JAKOBSON, 2006, p. 52-53)

Novamente a metáfora do calor, em outro contexto. O caráter contraditório na construção de uma vida pessoal, segundo a imagem de Maiakóvski referida pelo amigo, consiste na inevitável desconstrução do sujeito que busca construir-se socialmente. Quanto mais derretido, paradoxalmente mais inserido ao calor social. Qual é, para Bakhtin, o principal objetivo do ensino da gramática? Construir “a individualidade do autor”, ou seja, fazer “soar a sua própria entonação” (BAKHTIN, 2013, p. 40). No caso dos poetas futuristas, isso não acontece sem que a língua derreta: é o caso do *zauim*, de Khlébnikov, o projeto poético que consistia em produzir uma língua abstrata, assêmica, puro gelo a resistir ao duro mundo cotidiano de pedra herdado dos pais. Para superar o caráter trágico da geração precedente, Bakhtin precisou pagar um preço, qual seja: o de salvar o humanismo sem localizar o homem, salvar o traço humanista perdendo de vista o homem. Talvez o trecho mais citado da obra do autor seja precisamente este, de *Problemas da poética de Dostoiévski*: “O homem não possui um território interior soberano, ele se situa todo e sempre em uma fronteira: olhando para o seu interior, ele o olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro” (BAKHTIN, 1997, p. 140).

Se podemos nos apropriar da imagem de Maiakóvski para considerar a construção do estilo de um aluno, então a temperatura da língua, que se procura aumentar por meio da expressividade estilística do texto do aluno, talvez seja um vapor que sobe do sorvete que derrete. É preciso que se derreta o próprio homem para que o estilo se constitua: o aprendizado da gramática nesse contexto inclui um olhar sobre a língua indissociável à experiência de derretimento de si. Ou seja, aprender gramática participa do processo de amadurecimento cultural do sujeito, no sentido de que, superando progressivamente a infância, o aluno supera a familiaridade linguística consigo próprio que o esquema papai-mamãe produziu. A língua é o nó desse processo, e por isso assumir a dimensão

estilística no ensino da gramática significa, para o professor, trabalhar pela construção da voz do aluno, de modo que cada aluno reconheça, em si, um outro: um autor.

**TO INCREASE THE TEMPERATURE OF LANGUAGE:  
ON ISSUES OF STYLISTIC IN LANGUAGE TEACHING, MIKHAIL BAKHTIN**

**ABSTRACT:** Readers just to make contact with the teacher Bakhtin: some handwritten sheets in two versions, each one stored in a notebook, intitled "Stylistic issues in Russian language classes in high school". That's the original of a small trial of Mikhail Bakhtin, unprecedented in Portuguese and published in late 2013 in the volume *Stylistic issues in language classes*. This review aims to critically present the publication, reflecting on the place that the author holds in the field of linguistics, the meaning of his critique of formalism, everything related to the choice of stylistic as a pedagogic strategy in language teaching.

**KEYWORDS:** Dialogism; Literature concept; Mikhail Bakhtin; Russian Formalism; Stylistics.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. revista. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

CHKLÓVSKI, Vítor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. 2. ed. Tradução de Ana M. R. Filipouski, Maria A. Pereira, Regina L. Zilberman e Antônio C. Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, 1976. pp. 39-56.

JAKOBSON, Roman. *A geração que esbanjou seus poetas*. Tradução de Sonia R. M. Gonçalves. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação linguística; 2)

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail. 6. ed. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

*Recebido em 20/02/2014.  
Aprovado em 17/08/2014.*